

Numa caminhada pela propriedade com a família é possível constatar, por exemplo, um espaço mantido por seu Delfino para o habitat de algumas espécies de animais, a exemplo de preás, que ele mesmo faz questão de alimentá-las com palma, e de outros animais. “Faz pena matar ou deixar morrer os bichinhos inocentes”, diz. A conservação do golfo (folhagem) na aguada, o plantio de mais espécies vegetais no lugar da devastação, o não uso de agrotóxicos e de técnicas naturais, além da preservação de várias espécies de sementes crioulas são outros bons exemplos passados para os filhos. Estes, aliás, optaram profissionalmente por uma área que facilita auxiliar seus pais na gestão do agroecossistema da família. Everton o mais velho, cursa faculdade de agronomia e as meninas são técnicas em agropecuária e fazem parte da equipe do MOC, onde trabalham no Programa de Água, Produção de Alimentos e Agroecologia (PAPAA). Tainara também participou do Programa Jovem Empreendedor Rural em 2012, um ano após a chegada da energia elétrica na comunidade e hoje é a atual presidente da Associação de Moradores, fundada por seu pai há muitos anos.

O Grupo de Produção das Mulheres

A propriedade da família também cresceu em 2014 com a compra de mais 6,5 tarefas, totalizando hoje cerca de 10,5 hectares. O plantio e comercialização de palma, a aquisição de alguns animais “para uma emergência”, como diz o patriarca, e o acesso ao PRONAF/MDS, marcaram o período. No mesmo ano Everton e Tainá escreveram um projeto que foi um dos selecionados dentre 800 projetos sociais inscritos em todo o Brasil pela ONG BrasilFoundation. O projeto viabiliza iniciativas de apoio ao desenvolvimento do Grupo de Produção das Mulheres de Mandassaia II, dentre elas, a construção da sede própria, compra de equipamentos que possibilitam maior produtividade e capacitações com valorização da mão de obra feminina, geração de emprego e renda e o incentivo à permanência dos jovens no campo. O terreno para a construção da sede do grupo foi doado por dona Odelice, que também ministra cursos de fabricação de sequilhos em outras comunidades.

Apesar de ser um ano de estiagem na região, o casal define 2015 como “o melhor de todos os anos”. Muitas foram os avanços e conquistas. Uma delas a implantação na propriedade do projeto PAIS – Projeto Agroecologia Integrado e Sustentável, com apoio da Fundação Banco do Brasil e da Coopser, a conclusão e início da ampliação da sede própria do grupo, o aquecimento das vendas dos seus produtos, a aposentadoria do casal, o investimento em criação de galinhas e plantio de fruteiras, o que agregou um melhor rendimento para a família, impulsionado em 2016 pelo projeto de ATER desenvolvido pelo MOC.

As mulheres do grupo hoje produzem sequilhos de vários sabores e polpas de frutas. Os produtos são comercializados através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e através do projeto recebem os selos com os códigos de barras e com informações nutricionais. “Graças a Deus temos o trabalho com o grupo e as mulheres que não tinha nem emprego já tá conseguindo muita coisa”, comemora dona Odelice. O grupo que traz consigo a marca 'Quitutes Dona Izabel', resgata a cultura da

comunidade e as tradições da família materna, além de permitir a economia solidária e o comércio justo na vida de muitas famílias daquele local. A história da família Lima Matos retrata acima de tudo, 29 anos de muita garra e resistência, respeito à natureza, amor à família e a terra onde fixaram suas raízes.



2015
Economia Solidária: conclusão da primeira etapa da sede própria do Grupo de Produção das Mulheres de Mandassaia II



Convivência com o Semiárido: foco na defesa do ecossistema e da agroecologia

Família Lima Matos protagoniza uma história de resistência e amor à terra

Um ano antes da Constituição Brasileira ser promulgada, exatamente em fevereiro de 1987, era selada com as bênçãos de Deus, a união de seu Delfino Maia de Matos com dona Odelice de Lima Matos, na comunidade de Mandassaia II, município de Riachão do Jacuípe, semiárido baiano. Ele com então 31 anos e ela com 26, oriundos de famílias tradicionalmente rurais. Logo após o casamento decidiram ir morar em Feira de Santana em busca de melhores condições de trabalho.

Nessa época seu Delfino trabalhava como tratorista e já insistia com dona Odelice para conseguir com o pai, seu sogro, a doação de um pedaço de terra. Seu Delfino conta que depois de algum tempo sua esposa percebeu que nos finais de semana ele insistia em ir para a zona rural, então ela decidiu pedir a terra ao pai. “Eu não ficava mesmo lá em Feira, parece que meu umbigo foi enterrado na roça, foi aí que ela pediu ao pai e a mãe um pedacinho de terra e eles deram 4 tarefas e a gente vendeu a casa de lá e começou a construir nessa terra esta mesma casinha aqui”, conta numa alegria de menino quando consegue ganhar um doce.

Dona Odelice lembra do início da sua vida de casada quando retornou da cidade grávida e com seu primeiro filho ainda bebê. “Everton, meu filho mais velho nasceu em 87, e Tainá a segunda, nasceu em 88 depois de um ano e dois meses”, lembra. Nesse tempo seu Delfino comprou umas vaquinhas e ia trabalhar como operador de máquinas, enquanto ela cuidava dos dois filhos pequenos. “Minha vaquinha de leite guentou seca e tudo. A vaquinha aumentou as crias e com as crias dela a gente vendeu umas quatro cabeças e mais umas ovelhas que a gente já tinha na época e compramos a caminhonete em 95, pra fazer linha e ganhar um dinheirinho”, confessa.

Seu Delfino apesar de trabalhar fora com a caminhonete mantinha em sua propriedade uma pequena horta. “Mesmo ele trabalhando, a gente plantava milho, feijão, quiabo, abóbora e, de vez em quando Delfino botava trabalhador pra limpar nosso roçadinho. Era só pra sobreviver e às vezes a gente vendia milho. Não tinha cisterna, era Deus quem mandava a chuva. Era um sofrimento. Delfino mesmo construiu um tanque, mas não deu muito certo e a gente ia para a cacimba onde também lavava roupas, pratos, pra tomar banho às vezes, porque a água ficava assim peguenta”, relata Odelice num misto de melancolia e alívio por ser um sofrimento distante.



1987
Casamento: 29 anos de resistência e amor à terra onde fixaram suas raízes



O casal com o filho Everton e as filhas Tainá e Tailana

Nessa mesma época, em 1988, acompanhando pelo pequeno rádio os rumos tomados em Brasília com a garantia de direitos individuais, sociais e políticos, através da Constituição, seu Delfino percebe que era preciso fazer algo também ali naquela comunidade que escolhera para viver. “Tanto eu quanto Odelice já fazia parte do Sindicato Rural. Fiz minha carteira com 19 anos. Quando cheguei senti que a comunidade da gente precisava ficar mais perto um do outro e daí fiz uma reunião e dei a ideia de fundar uma Associação de Moradores. Começamos com 57 pessoas. Só em 1997 conseguimos fundar a Associação e fui o primeiro presidente e fiquei quatro anos seguidos na presidência”, conta. “Aí já tinha Tailana, a filha mais nova e caçula da família, que nasceu em 1990”, interrompe dona Odelice.

Ainda trabalhando fora, Seu Delfino cuidava da roça sob sol escaldante nas horas que lhe sobrava construiu mais um tanque na propriedade em 94, mas como não deu água continuava a usar a água da cacimba. “Essa cacimba por mais de 20 anos serviu nossa família e os vizinhos próximos, mas secou por conta de um poço artesiano construído pelo governo numa propriedade vizinha e que também hoje não funciona mais”, relata. Outros três tanques foram construídos por seu Delfino na propriedade ao longo dos anos, mas só dois ainda servem.

Em 1995, um ano depois da criação do Plano Real para controlar a inflação no Brasil, os três filhos ingressam no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) que existia no município. Criado pelo Governo Federal, o PETI é uma iniciativa que visa proteger crianças e adolescentes, menores de 16 anos, contra qualquer forma de trabalho, garantindo que frequentem a escola e atividades socioeducativas. Foi no PETI que os filhos do casal conheceram o Projeto Baú de Leitura, desenvolvido pelo Movimento de Organização Comunitária (MOC), onde descobriram o mundo lúdico da criatividade e da imaginação contidas nas páginas dos livros. Durante a década de 1990 o MOC se dedicou ao desenvolvimento das ações PETI, tornando-se referência em todo o país.



Tainá: Foi no PETI que eu e meus irmãos conhecemos o Projeto Baú de Leitura do MOC

“Foi importante o PETI porque as crianças ganharam gosto para estudar. Se alimentavam melhor, passavam o dia na escola, conheceram o Baú de Leitura e recebia uma bolsa de R\$ 25,00 por criança e servia para manter elas mesmas, porque o dinheiro da gente não dava pra nada. Foi essencial para manter eles nos estudos porque comprava tudo deles com esse dinheirinho. Era renda. Foi tudo na vida dos meus filhos. Tainá foi até para a televisão aos 12 anos apresentar a história da nossa comunidade pelo Baú de Leitura”, lembra dona Odelice toda orgulhosa.

Com o falecimento do sogro em 98, ano de grande estiagem na região, o casal ampliou o espaço da sua propriedade. “Meu pai faleceu em 98 e adquirimos mais 6 tarefas por herança e compramos 1,5 na mão de minha irmã, ficamos com 11,5 tarefas”, diz dona Odelice. “Quando meu pai faleceu, minha mãe Isabel resolveu pegar os papéis e dividiu a terra, tudo. Ela não quis nada. Essa terra que eu moro é herança dos meus avós maternos que ficou pra ela e ela dividiu pra gente. Me deu uma vaquinha também pra vender quando as coisas ficassem ruins com a seca”, lembra.

Início da grande virada

Iniciado com o PETI, outras novas políticas foram acessadas. Em 2001 quando a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA) abraçou a grande causa de luta que é a convivência com o Semiárido, liderada pela sua primeira bandeira que é a do estoque da água de consumo, o casal recebeu sua cisterna, a primeira na região. “Cavamos o buraco na mão. Acordava às três horas da madrugada e levamos três meses cavando, mesmo com ajuda dos amigos. Tinha muita pedra”, lembra seu Delfino das dificuldades que hoje não mais existem devido o trabalho braçal ter cedido lugar às máquinas. “Hoje dou valor a cisterna não pelo



Convivência com o Semiárido: a multiplicação do conhecimento e da diversidade das sementes crioulas



2002 Apicultura pelo Projeto PROSPERAR

trabalho que deu para cavar não. Dou valor porque ali tem água que a gente precisa para viver. É uma reserva segura”, complementa seu Delfino com muita convicção. No ano seguinte, em 2002, ano da eleição direta do presidente representante da classe trabalhadora brasileira, dona Odelice participa de cursos e intercâmbios promovidos pela ASA. “A cisterna foi a coisa que mais abriu minha mente para tudo. Andei de avião, fui para Recife, conheci novas pessoas e coisas nos intercâmbios, tudo por causa da cisterna”, comenta dona Odelice. Também nesse ano o casal compra mais 5 tarefas de terra e a família conquista o Projeto Prosperar, um projeto de geração de renda para as famílias do PETI.

“Conseguí umas caixas de abelha no Projeto Prosperar, em 2002. Era uma unidade coletiva demonstrativa. Não era só minha. A comunidade foi escolhida para receber esse pouco recurso e ela mesma definiu que seria abelha. A produção ia para a Associação”, conta seu Delfino. Relata também que no ano

seguinte surgiu outro projeto. “Fomos contemplados com um Prosperar em 2003 para a família, para a criação de ovinos na propriedade. Aí comprei ovelhas, fiz cerca e um roçado de palma. Foi o ponta pé inicial para fazer o criatório”, comenta. Quanto às “amigas abelhas” até hoje seu Delfino mantém umas caixas e comercializa o mel atualmente muito mais escasso. “As abelhas tão ibirrenta, ibirrenta, não querem mais migrar”, diz.

O casal conta que até início de 2004 todos os filhos estavam juntos com eles na roça. A primeira a migrar para a cidade foi Tainá. “Nesse ano Tainá sai para ajudar na casa de minha irmã e voltou no mesmo ano”, conta dona Odelice. Depois de nove anos no PETI, Tainá foi secretária e presidente da Associação da comunidade e começou a participar de projetos realizados pelo MOC como o Projeto Prosperar Jovem, como multiplicadora de ATER e o Projeto Parceiros/as por um Sertão Justo. Este último com crianças.

Seu Delfino lembra que em 2004 trabalhou com feno e comprou mais 2,5 tarefas de terra, desta vez numa comunidade vizinha chamada Quilomo, perto de um açude. “Aí plantei hortaliças, de tudo um pouco para consumo e o excedente vendia na feira livre aos sábados. Tudo natural. O que mais vendi era o quiabo. Nos finais de semana os filhos carregavam os quiabos no jegue e ia vender na redondeza. Mais tarde comprei uma motinha e eles entregavam na motinha com reboque”, diz. A tudo observando atenta, Dona Odelice também lembra essa época de fartura. “Teve época que vendi de 50 a 60 pés de coentro na rua e 9 horas já tinha vendido tudo”, ressalta.

Defensor do ecossistema e da agroecologia

Com as coisas progredindo o casal conseguiu comprar um motor bomba em 2006, e 2 anos depois, mais uma vez a ASA com sua política de convivência com o Semiárido e com foco na produção de

alimentos saudáveis, com apoio do governo federal e de parceiros como o MOC e o STR, implantou na propriedade do casal uma cisterna calçadão, antigo desejo de dona Odelice, despertado durante as capacitações que participava. Com a chegada da tecnologia a família iniciou um plantio de frutas, o que fez seu Delfino retornar e plantar próximo à casa da família ao invés de ir para o outro terreno junto ao açude. “Eu me sinto feliz em trabalhar com terra e água. Enquanto eu puder trabalhar com o natural [sem agrotóxicos] eu trabalho. Se não puder, prefiro parar”, pondera seu Delfino, grande defensor do ecossistema, da agroecologia.



2008

A cisterna calçadão trouxe a horta para próximo à casa da família